



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Manoel Munhoz

Labor e porfia nos caminhos da Psiquiatria em Piratininga

* Duílio Crispim Farina

Houve por bem o governo do Estado de São Paulo conferir o nome do ilustre médico doutor Manoel Munhoz ao Ambulatório de Saúde Mental nas Perdizes, local a encerrar altas tradições de assistência médica aos perturbados da razão. Manifestação de justiça, honra aos méritos do presente escultor.

Sempre tivemos a nítida impressão, mesmo a certeza, de que Manoel Munhoz, em sua existência, não chegou a tocar nas terrenidades do homem comum. Pairou, como absorto, longe das contingências humanas. Atraíram-no não somente as causas elevadas do espírito e do afeto. Paulistano, ligado a tempos distantes de uma Paulicéia laboriosa, onde o progenitor com tenda de trabalho na Consolação, quase defronte à igreja veneranda, reunia as afinidades de jovens, mais tarde todos companheiros na Casa de Arnaldo: os saudosos Carlos Zindel, Plirts Nebó, Enéas Melega e mais Flerts e os primos-irmãos Oscar e Duílio, estes na rua Maria Antônia, abrigo das residências em chãos da antiga chácara do velho avô Farina.

Anos trinta e no dealbar dos quarenta, Manoel Munhoz, após exames brilhantes de habilitação, ingressa no primeiro ano do curso médico (43 vagas), na turma que já vinha do Colégio Universitário, vestibular de 1940. Aliás turma dos excepcionais Eros Abrantes Erhart, Ulisses Andrade e Silva, Ubirajara Delape, Jamil Salum, Renato Piza de Carvalho, Maurício Fang, Osvaldo Salzano, Ademar Mário Fiorelo, Silvio Sacramento, Roble Teixeira de Aquino, Toshiasu Fujioka, Maria de Lourdes Salomão, Vircia Gonçalves de Oliveira, Walter Eleutério

Rodrigues, na rememoração saudosa daqueles que já partiram...

Bem posto, sempre escañoado, cabelos lisos bem assentados, jamais deixados às insídias do vento, porte maneiroso de fidalgo d'Espanha de antanho tempo, em dias de glória e majestade. De páreo falar, gestos largos, amigo leal, centralizador a agrupar os colegas durante um belo curso de Medicina em que preponderavam seus interesses em prol da Medicina Social, assistência aos desvaidos, ao carente nos desvãos de uma sociedade sem justiça integral. Co-fundador do Departamento de Medicina Social do "Centro Acadêmico Osvaldo Cruz", em 1944, mola propulsora das campanhas de Higiene Rural e Boa Alimentação, verdadeiras cruzadas dos estudantes, em todos os quadrantes do Interior, sempre a disseminarem preceitos e ensinamentos, labores com o objetivo precípuo de prevenir e debelar a moléstia de Chagas, a malá-



ria, as verminoses e todas as demais endemias avassaladoras das populações desprovidas de recursos.

Eleito em pleito consagrador, foi presidente do Departamento Científico, galardão de valia, a atestar de forma eloquente seus predicados e liderança granjeados entre os contemporâneos, cargo que tivera como lídimos antecessores João Sampaio Góes Júnior, Otávio de Moraes Dantas, Atilio Zelante Flosi, Carlos da Silva Lacaz, entre outros de idêntico cabedal e envergadura.

Em sua residência à rua Bela Cintra, junto à Pedro Taques (um dia, na época colonial, chácara do velho linhagista), estabeleceu a Sociedade de Fisiologia de São Paulo, prolongamento das diretrizes do Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina da USP, sob a égide do prof. Alberto Carvalho da Silva, com o apoio e ação dos acadêmicos Ademar Monteiro Pacheco, Oscar M.

Farina, Carlos Vilela de Faria, Luis de Aguiar Magano, Serafim Martins, Fausto Brusarosco, Osvaldo Paulo Foratini, Osvaldo Salzano, Duílio C. Farina e tantos outros, movidos pela impulsão e estímulo dos mestres Franklim de Moura Campos, Ciro Camargo Nogueira, Demostenes Orsini, Otávio de Paula Santos, Tito Arcoverde Cavalcanti, e mais, que honroram a tradicional cátedra da Casa de Arnaldo, iniciada em 1913 com Etheocles de Alcântara Gomes, desaparecido na pandemia gripal de 1918. Aulas magnas proferidas por alunos e mestres, ainda a ecoarem, inseridas na memória dos superstites...

Calmo, sereno, Munhoz era um impulsionador, um realizador, como o foi no jornal dos estudantes ("O Bisturi"), e na criação do Departamento de Medicina Psicosomática do CAOC, obra de João Belma Borza, Ibraim Mathias e Paulo Lentino. Formado, amou a Psiquia-

tria, a Psicologia Médica, organizou a Casa de Saúde (com João Burza), dirigiu-a com êxito, programou cursos com acertados critérios, inclusive um memorável sobre Psicologia dos Animais, em que pudemos assistir os amplos recursos de cultura e talento da saudosíssima professora Noemi Rudolpher.

Manoel Munhoz colaborou nos serviços perfeitos do professor José Fernandes Pontes e do sempre lembrado prof. Armando Canger Rodrigues, na cadeira de Medicina Legal da USP (Casa de Arnaldo). Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Santo Amaro semeou, plantou com farta messe a beneficiar alunos, colegas e seguidores. Diretor do Serviço de Higiene Mental do Estado, membro de mais este e aquele núcleo, em bem verdade, a permanência deste escultor na História da Medicina paulista há de permanecer enquanto houver o culto ao labor desinteressado, ao altruísmo, ao despreendimento, à incessante faina de cada vez mais saber para melhor desempenhar nosso exercício médico no qual fomos iniciados como verdadeiros samaritanos. As melhores lembranças do doutor Manoel Munhoz, membro distinto da turma de 1947 da Faculdade de Medicina de São Paulo, Casa de Arnaldo! Honrou as vestes de Hipócrates e as aspirações da mocidade. Sempiterna saudade! Vida digna inteiramente dedicada à Ciência de Franco da Rocha e de Pacheco e Silva!

* Duílio Crispim Farina pertence à turma de 1947 da Casa de Arnaldo. É presidente da Academia Paulista de História, membro da Academia Paulista de Letras e 1º vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Escola Paulista de Medicina — 60

“Parabéns a Você”

* Wladimir da Prussia G. Ferraz

Em solenidade presidida pelo diretor, prof. Octavio de Carvalho e que contou com a presença de professores, estudantes e grande número de figuras representativas de todos os escalões da sociedade de São Paulo, foi lançada em setembro de 36, no campus de Vila Clementino, a pedra fundamental do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina, acontecimento de extraordinária importância naquela época, pois viria a ser em nosso meio hospital-escola pioneiro, permitindo, dada a concepção de seu planejamento, uma destacável ampliação dos meios de atendimento médico-hospitalar entre nós.

Convidado pelo diretor para ser o paraninfo desta marcante solenidade, o poeta Guilherme de Almeida, o intérprete por excelência da alma dos paulistas e o cantor exaltado dos feitos da gente bandeirante, pronunciou belíssima e comovente oração, destacando-se entre suas palavras o que passaria a ser como uma definição da Escola Paulista de Medicina, que dava, naquela época, os seus primeiros passos.

“A Escola Paulista de Medicina é a boa semente, por boas mãos, em boa terra e em boa hora plantada”

A Boa Semente — Empreendimento de ordem científico-cultural e de assistência médica, a Escola Paulista de Medicina (e o Hospital São Paulo), maduramente bem planejada e destituída de finalidades de lucros por parte de seus fundadores, seria, evidentemente, uma boa semente.

Por Boas Mãos — As mãos que semeavam nos altos de Vila Clementino, em meio à majestosa moldura dos imensos pinheirais, eram, sem contestação, boas mãos, cabendo aqui fazer uma relação dos que plantavam a boa semente: drs. Afranio do Amaral, Alípio Correia Netto, Álvaro de Lemos Torres, Álvaro Guimarães Filho, Antonio Carlos Pacheco e Silva, Antonio Bernardes de Oliveira, Antonio Prudente de Moraes, Archimede Busacca, Carlos Fernandes, Decio de Queiroz Telles, Domingos Define, Dorival Cardoso, Eduardo Ribeiro da Costa, Fausto Guerner, Felício Cintra do Prado, Felipe Figliolini, Flavio Fonseca, H. Rocha Lima, Fairo Ramos, José Medina, José Igna-

cio Lobo, José Maria de Freitas, João Moreira da Rocha, J. Almeida Junior, Luiz Cintra do Prado, Marcos Lindemberg, Nicolau Rosseti, Octavio de Carvalho, Oliverio Pinto V. Oliveira, Otto Bier, Paulo Mangabeira Albernaz, Pedro de Alcântara e Rodolpho de Freitas.

Todos figuras de mais alta expressão e conceituados médicos, científicos, na sociedade de São Paulo e também em outros Estados.

Em Boa Terra — A terra paulista! Jamais em nosso abençoado meio deixou de vicejar, crescer e dar esplêndidos frutos qualquer iniciativa que tivesse por solo a terra de São Paulo e por responsáveis pelos bons frutos de qualquer empreendimento a gente de nosso Estado —

algumas centenas. Desejosos de seguir a carreira e não podendo fazer seus estudos em São Paulo, procuravam outras faculdades de Medicina do País, tais como Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Curitiba e Salvador. Tal fato, além dos percalços enfrentados pela necessidade de residência em outros Estados, somavam também um grande montante de recursos financeiros que de nosso Estado eram carreados para fora.

Impressionados com estes fatos citados acima, médicos de real prestígio e alto conceito, idealizavam já há tempos a fundação de uma nova escola médica em São Paulo, que possibilitaria também o exercício da cátedra para a qual se julgavam capacitados. Dois núcleos de destaque anteriormente traba-

Silva, Antonio Prudente de Moraes, Afrânio do Amaral e Otto Bier. Sob a liderança e o espírito aglutinador de Octavio de Carvalho, figura de extraordinária penetração em todos os meios sociais e econômicos de nosso Estado, planejou-se a estrutura da nova escola médica, apenas com o temor de que a iniciativa de tal alcance e complexidade de vulto viesse a não encontrar o momento favorável para a sua implantação.

Eis então que dois fatores de suma importância numa hora difícil para São Paulo vieram dar um definitivo impulso de alento, coragem e firmeza aos idealizadores:

1) A constatação, durante o Movimento Revolucionário Constitucionalista, da deficiência assistencial médico-hospitalar

dou-se a Escola Paulista de Medicina no dia 1º de junho de 1936.

E a boa semente, por boas mãos, em boa terra e em boa hora plantada, germinou, mostrando pujança e viabilidade desde os primeiros momentos. Transformou-se em grande árvore que, ao longo dos anos, sistiu a muitos impactos vendavais ou das tempestades. Tornou-se extremamente forte, altaneira e sombranceira, sempre reta, características que seu emblema simboliza orgulhosamente, ostentando o Jequitibá, árvore símbolo de São Paulo, zendo jus à admiração e respeito.

Nestes sessenta anos de existência, sob os mesmos impulsos e alimentada pelos dados provenientes das m-



A primeira sede da Escola Paulista, no campus de Vila Clementino, à rua Botucatu, 720, hoje patrimônio histórico tombado pela Congregação

paulistas, irmãos de outros Estados e imigrantes empreendedores.

Em Boa Hora Plantada — Em todas as áreas de atividades São Paulo mostrava grande ritmo de progresso, assinalado principalmente no quadriênio Julio Prestes (1927-1930). Acompanhando e caracterizando o impulso de progresso, destacavam-se o ensino e a pesquisa médica. A Faculdade de Medicina de São Paulo que acabava de deixar sua velha sede, passando a funcionar em majestoso edifício à avenida Dr. Arnaldo, atraía número cada vez maior de candidatos ao vestibular do ensino médico. Sendo contudo as vagas em cada série limitadas a setenta, crescia nos últimos anos o número de estudantes que, embora aprovados no vestibular, não conseguiam classificar-se entre os setenta. Estes estudantes, com o passar dos anos, já constituíam-se em

lhando independentes, já nos últimos tempos, tinham procurado aproximação para unir seus trabalhos e suas indiscutíveis credenciais para a concretização de um objetivo comum. De um lado, destacavam-se na 2ª Enfermaria de Homens da Santa Casa, sob a liderança de ensino do conceituado médico Álvaro de Lemos Torres, os drs. Jairo Ramos, Alípio Correia Netto, Álvaro Guimarães Filho, José Ignacio Lobo, João Grieco, Otavio Nebias, além de outros que tranquilamente poderiam exercer a cátedra médica, graças aos conhecimentos auferidos sob a orientação do mestre. Por outro lado, agora trabalhando na mesma direção, situavam-se grandes e respeitáveis nomes da Medicina, que haviam se sobressaído em suas passagens por hospitais de Berlim e Paris, principalmente. Eram eles Octavio de Carvalho, Antonio Carlos Pacheco e

em nosso meio.

2) E o chamado “fator desencadeante”: o vestibular à Faculdade oficial em 1933 deixara um lastro de mais de cem estudantes aprovados e não classificados devido à limitação de vagas. Estes, que passaram a ser chamados historicamente excedentes, iniciaram movimento que empolgou e comoveu toda São Paulo: pretendiam ao menos o desdobramento das vagas do Pré-Médico da Faculdade oficial. Lutaram tenazmente, contaram com apoios de personalidades de prestígio, mas nada conseguiram. Eis que os que já haviam planejado um novo estabelecimento de ensino médico procuraram os inconformados excedentes, expuseram-lhes seus planos e afirmaram eles que, caso contassem com o apoio dos mesmos para um novo vestibular, a nova escola médica seria fundada ainda no primeiro semestre de 33. E fun-

dos idealistas ao longo de cinco anos, outras majestosas árvores cresceram no campus de Vila Clementino: o grande edifício Lemos Torres (cadeiras básicas), o Hospital São Paulo, decorridos quatro anos do lançamento da pedra fundamental, já via inaugurados os seus primeiros andares, permitindo assim a mudança das Clínicas Propedêuticas Médicas Cirúrgica e Clínica Médica no quinto ano, deixando o núcleo inicial, o Pavilhão Maria Teresa. O crescimento do Hospital foi ininterrupto, vindo a permitir instalações de Clínicas de Enfermarias, destinadas ao ensino e assistência médico-hospitalar, hoje imponente edifício, com suas três grandes alas, sendo a mais recente prestes para entrar em funcionamento. Esta seqüência continuou: vieram o edifício da Bioquímica e Farmacologia (a “Pampulha”), também notável edifício

Despedida ao prof. José Medina

* Carlos Alberto Salvatore

Aqui se encontram familiares, amigos, colegas, ex-assistentes e admiradores do prof. José Medina, profundamente pesarosos por esta despedida. Por mais que sintamos a dolorosa perda, todos nós terminaremos de maneira idêntica. Interpretando Ruy Barbosa, "se entramos pela porta da vida não há como se furtar de sair pela porta da morte". Tivemos o privilégio de contar com seus ensinamentos e amizade. Grande professor, foi um dos maiores ginecologistas do Brasil.

Natural da Capital do Estado de São Paulo, bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio da Capital de São Paulo, e diplomado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1923, o professor José Medina granjeou renome nacional e internacional ainda quando jovem.

Sua brilhante carreira é recheada de constante e impetuosa luta no sentido de manter e difundir sua especialidade em alto nível de ética, honestidade, dedicação e eficiência profissional. Revelando desde moço inerte pendor à Tocoginecologia, estudando diariamente e cada vez mais se aperfeiçoando, em pouco tempo adquiriu vasta e grandiosa cultura e experiência.

Desde os bancos acadêmicos sustentou fama de possuir arguta inteligência e amor à especialidade. Por concurso, em 1922, tornou-se interno da Clínica Ginecológica da FMUSP. Posteriormente, assistente extranumerário, e depois, entre 1925 e 1934, segundo assistente da cadeira de Ginecologia da FMUSP.

Sua fama como grande didata, hábil cirurgião e exímio ginecologista foi demonstrada na mestria e entusiasmo com que transmitia aos estudantes e assistentes sua vivência na especialidade. Quanto ao toque genitral é conhecido seu "slogan": "Toca melhor e melhor diagnóstica quem mais toca".

Estudando, ensinando e trabalhando arduamente o destino não poderia deixar de lhe reservar o lugar de um dos "luminares" da Ginecologia brasileira. Em 1938, como catedrático fundador da Escola Paulista de Medicina, iniciou o curso de Ginecologia na nova escola e lecionou a especialidade nas duas. Durante muitos anos diri-

giu a Enfermaria B da Maternidade Filomena Matarazzo, onde a transformou em centro de aprendizagem para os seus assistentes.

Em 1945 conquistou com distinção a cátedra de Clínica Ginecológica da FMUSP, apresentando memorável tese sobre "Hiperplasia basal do endométrio, Endometriose e Carcinoma do corpo do útero".

Na véspera desse notável concurso ministrou inteiramente um portentoso "Curso de Aperfeiçoamento em Ginecologia". Vinculado a sua nova cátedra, este curso de férias continuou a realizar-se anualmente em janeiro, sob a sua orientação, atraindo pela regularidade e

seu dinâmico chefe de Clínica, o prof. José Gallucci, instalou as seções de patologia mamária e esterilidade, e com Paulo Gorga, a peritoneoscopia e colposcopia.

Sua cintilante trajetória norteou direta e indiretamente numerosos especialistas que despontaram e se consagraram sob a sua segura orientação. Sua atividade didática foi intensa, não somente nas duas cátedras, mas também em sociedades médicas de vários Estados do Brasil. Organizou cursos e proferiu numerosas conferências. Orientou inúmeras teses e participou de numerosas bancas examinadoras de concurso para docência e cátedra,

trazia novidades, equipamentos e livros para o seu serviço, estimulando e orientando seus assistentes no constante aperfeiçoamento da especialidade.

Todavia, não é somente na atividade profissional e profissional que o prof. José Medina brilhou. Como chefe, modesto, simples, foi verdadeiro amigo, sempre pronto a orientar e auxiliar seus assistentes, oferecendo-lhes seus préstimos. Sua impressionante atividade e resistência era comentada no ambiente médico paulista, pois até muitos anos após a sua aposentadoria na FMUSP continuava sendo o primeiro cirurgião a chegar ao Hospital Modelo e operar.

Dirigia o Departamento de Obstetrícia e Ginecologia e fez escola, deixando na FMUSP numerosos discípulos, entre os quais os professores José Gallucci, Arthur Wolff Neto, René Mendes de Oliveira, Paulo Gorga, Franz Muller, Armando Bozzini, estes seis já falecidos, Mário Ramos Nóbrega, Alvaro da Cunha Bastos, José Roberto Azevedo, Cosme Guarnieri Neto, Hans Halbe, Armando Nascimento Jr., e quem vos fala. Na Escola Paulista de Medicina, os profs. Octaviano Alves Lima Filho, Klaus Rudolf e vários outros discípulos que continuaram a honrar a escola filosófica do eminente mestre.

Exemplo de profissional exclusivamente dedicado à profissão, aos 92 anos de idade ainda ia diariamente ao seu consultório e se orgulhava de ser o ginecologista mais idoso que ainda trabalhava, lia e estudava muito. O prof. José Medina continuará vivo na mente de seus queridos familiares, de seus colegas, amigos e ex-assistentes.

E para esse grande mestre, médico, homem ímpar, cuja terra daqui a pouco abrigará seus restos mortais que venho trazer a palavra de despedida. Seu exemplo foi por muitos seguidos e sua memória com saudosos carinhos será cultuada. Ao dedicar-lhe o verso de Boileau que diz "Descansai na paz do Senhor, nobre e querido amigo, porque viveste com a letra evangélica, pondo a esperança augusta para além dos dias transitórios", desejo terminar sublinhando que a ele o raio de luz da saudade sempre nos unirá.

* Oração proferida por Carlos Alberto Salvatore por ocasião do sepultamento do prof. José Medina, falecido em 31 de maio último.



projeção conquistadas, médicos de todos os recantos do País e do estrangeiro.

Foi o professor Medina o grande continuador da escola paulista de Ginecologia, iniciada pelo saudoso prof. Nicolau Moraes Barros. Ao assumir a cátedra na FMUSP, sua grande preocupação foi instalá-la no Hospital das Clínicas e equipá-la com os modernos requisitos da propedêutica ginecológica. Assim, foi sob a sua orientação que em sua cátedra teve início em São Paulo a prevenção e detecção do câncer ginecológico, mercê da colposcopia e citologia vaginal oncológica, método de Papanicolaou. Com auxílio de

sobressaindo-se como arguto examinador, pois analisava com profundidade os mínimos detalhes, valorizando os cursos em que seu nome figurava como membro de banca examinadora.

Publicou cerca de oito livros e mais de 180 trabalhos científicos. Foi membro de quinze sociedades médicas, entre nacionais e estrangeiras, e, após 1945, viajava anualmente participando de Congressos da Especialidade no País e no estrangeiro, visitando os principais centros da Tocoginecologia mundial e difundindo o nome da FMUSP e de sua escola. Ao retornar de suas viagens sempre

Mulher

* Guido Arturo Palomba

A mulher é o bem fundamental da natureza, pois é verdadeiramente quem comanda o desenvolvimento da família e, conseqüentemente, da humanidade, que é uma grande família. A natureza da mulher influi consideravelmente na lapidação do perfil moral dos homens. É a mulher que educa o sentimento dos filhos e do esposo, cujas diretrizes são sempre dadas pelo verdadeiro amor. Essa é a essência do psiquismo feminino.

As mulheres são, para nós homens, razão e sentimento, isto é, realidade e simbolismo, em

verdade são as pessoas que nos amparam e auxiliam, dando-nos forças para as peregrinações da existência.

Quantas vezes delas recebemos a solução exata quando a nossa obsessão e obstinação nos impediram o bom raciocínio e a boa estrada? Quem não conhece vários homens ilustres que nada resolvem sem a ajuda definitiva das esposas? E se não fosse assim não seriam ilustres. Essa é a regra!

A mulher atualizada culturalmente é, por esse motivo, entre outros, extremamente importante para o sadio desenvolvimento da cole-

tividade. Uma mulher virtuosa, elegante e insinuada é, sem dúvida, uma grande conquista para ela mesma e para a sociedade.

Para terminar, a definição de mulher dada no livro de Augusto Austregésilo, psiquiatra e membro da Academia Brasileira de Letras: "Mulher, este ente meio positivo, meio aéreo, meio terrestre, meio céu, que volteia por entre nós como anjo, saudoso mas contente, tendo por fala um canto, a intuição e o sentimento por império, em que a fraqueza é graça e a graça onipotência, cujo encargo é muito mais

que eternizar a espécie, é entretê-la, domesticá-la, refiná-la o gosto, os instintos do belo, os arrojos para o bom e para o sublime. A mulher é guia, arrimo, lâmpada, conselheira, profetisa, modelo, prêmio, enfim, um milagre para cada incredulidade, estrela para cada noite, mão inesperada e macia para cada desamparo, amor de um seio todo suspiros, de um coração todo divindade."

* **Palavras ditas por ocasião da abertura do 1º Curso de Atualização para Mulheres de Médicos, na APM, em 31 de maio último.**

Agradecimento

Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra

Por motivo da honrosa nota publicada na Coluna do Livro do Suplemento Cultural nº 74, de maio último:

Ao meu caríssimo amigo, o Guido Arturo Palomba, que insiste em me dar abrigo com muito afeto, sem pompa,

Desejo lhe agradecer do fundo do coração, também com muito prazer até de satisfação,

nota honrosa publicada

no "Cultural Suplemento" da APM, dedicada a mim como argumento de cidadão assaz prendado, ao ver do noticiário, psiquiatra muito ilustrado até da palavra artista.

Você conhece de sobra "Catatimia" o que faz: dos inimigos se cobra,

aos amigos se compraz.

Seja, porém, como for, notícia já divulgada despertou em mim com ardor vaidade desenfreada.

Eis, pois, amigo prezado: receba agora no final, por me fazer agraciado, um abraço grande e cordial.

Homem

Carlos Roberto Hojaij

*Sou eu quem ordena o caos celular.
Sou eu quem dá brilho ao negro imenso.
Sou eu quem ilumina no horizonte além.
Sou eu que significa em código as coisas aí.
Sou eu quem desperta a cada instante a dor e o prazer.
Sou eu quem revela a mim o outro aqui.
Sou eu quem compõe no todo para ser eu.
Sou eu quem sou porque me é dado ser, e
Quero ser.*

Coluna do livro

Matilde Josefina Sutter lançou o livro *Determinação e Mudança de Sexo*, aspectos médico-legais. A obra aborda a polêmica e controvertida questão da denominada operação de "mudança de sexo", vendo-a por diversos prismas. O conteúdo do livro é leitura obrigatória para os que se interessam pelo assunto, no qual constam conceitos precisos sobre sexo (genético, endócrino-gonadal, morfológico, psicológico). Aborda, também, os tipos sexuais anômalos (intersexualismo, transexualismo, homossexualismo, travestismo), tudo visto à luz das mais sólidas doutrinas. Porém, se não bastassem essas verdadeiras aulas sobre aqueles temas, a autora pondera a questão do ponto de vista legal, fornecendo inestimável colaboração aos juizes, promotores e advogados que se virem a braços com essas difíceis questões que vez por outra soem ocorrer nos Tribunais de Justiça.

A autora, dotada de vasta erudição humanística, é juíza de Direito em exercício na 4ª Auditoria de Justiça Militar da Capital do Estado de São Paulo. O livro foi editado pela Editora Revista dos Tribunais.

Jorge Michalany está lançando o livro *Fatos Pitorescos na Vida de um Médico Paulistano*, editora Michalany Ltda. Obra autobiográfica, de leitura assaz agradável, mostra a brilhante carreira, como médico e como professor, do autor. Mostra, também, fatos cômicos das faculdades em que deu aulas, passagens pitorescas de sua vida, viagens, amigos, recordando mestres e colegas com os quais conviveu em sua vida laboriosa e fecunda. O livro deverá fazer parte integrante da estante da história da Medicina pátria.

A Academia Barretense de Cultura publicou a segunda Coletânea de Contos do Prêmio "Jorge de Andrade". Pela excelente qualidade dos trabalhos publicados, vê-se que o júri deve ter tido muito trabalho para distribuir a premiação, pois a leitura atenta da obra deixa o leitor em dúvida sobre qual o melhor entre eles. O referido Prêmio foi fruto do trabalho incessante de várias pessoas, e, sem nenhum desmerecimento aos demais, registramos aqui o labor sem peias de Matinas Suzuki, médico e escritor, cuja dedicação foi determinante para o sucesso do evento.

A cidade de Santos vem desenvolvendo excelente trabalho na área cultural, promovendo a 4ª Bienal de Artes Plásticas, evento de grande importância que visa, a um só tempo, divulgar os artistas e as artes para o público em geral. Está de parabéns o doutor Edmur Mesquita, secretário da Cultura de Santos.

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto vem desenvolvendo eventos culturais em seus campi. O último deles ocorreu em junho, com a apresentação da exposição de pinturas produzidas por médicos. O evento foi um sucesso, o qual se deve, precipuamente, a Maria Alice Coelho Nunes, assessora cultural daquela entidade.

G.A.P.